

# ***Como documentar casos de violência de gênero na Internet de forma empática e segura?***

Um guia prático baseado na difusão de material íntimo sem consentimento.



Autoras: Constanza e Steffania  
2020

**acoso.online**

**Como documentar de forma empática e segura os casos de violência de gênero na internet?  
Um guia prático baseado na difusão de material íntimo sem consentimento.**

Versão de setembro, 2020.

Este trabalho é licenciado com Creative Commons 4.0 International (CC BY 4.0)

Este documento é uma iniciativa de Acoso.Online

- *Pesquisa e texto: Constanza Figueroa e Steffania Paola Costa di Albanez*
- *Edição: Paz Peña e Ciberseguras*
- *Design Gráfico: Constanza Figueroa*
- *Tradução espanhol - português: Yasmin Adorno*

Contato: [prensa@acoso.online](mailto:prensa@acoso.online)

Este documento foi feito com o apoio de Digital Defenders Partnership:



Este documento compila e mistura as vozes de nossas companheiras que admiramos muito por seu trabalho e generosidade.

Queremos agradecer às nossas entrevistadas:

- *Lu Ortiz, Vita Activa*
- *Ria, Taller de Comunicación Mujer*
- *Denisse e Marieliv, Hiperderecho, Tecnoresistencias*
- *Indira Cornelio, Segu Digital*
- *Nadine Solis, Rede Transfeminista de Cuidados Digitais*
- *Loreto Bravo, Digital Integrity Fellow, Digital Defenders Partnership-Hivos*
- *Selene Yang e Belén Giménez, TEDIC*
- *Masra de Abreu, Cfemea*
- *March e Gabriela Ruiz, Ciberfeministas Guatemala*
- *Erika Smith de Take Back the Tech! e APC*

Também queremos agradecer às coletivas com quem trabalhamos e testamos essa ferramenta:

- *Ciberseguras*
- *Rede Transfeminista de Cuidados Digitales*

E a todas com quem colaboramos e construímos redes de aprendizagem de maneira coletiva.

*Muito obrigado por visitar [www.acoso.online](http://www.acoso.online) e lembramos que o patriarcado vai cair!*

*“É garota,  
sabe de tecnologia,  
é de confiança”*

# Índice

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>Contexto</b>	<b>6</b>
<b>Aspectos práticos para fazer um acompanhamento de difusão de imagens sem consentimento de violência de gênero online.</b>	<b>7</b>
1. Autocuidado	7
2. Escuta ativa. Os diálogos como ferramenta de transformação e cura	8
a. Entrevistas empáticas com a vítima	8
b. Indicar uma rede de apoio	8
c. Combinar os alcances da sua intervenção	8
3. Construir uma documentação segura e anônima	9
a. Cuidado com equipamentos eletrônicos e acesso à informação	10
b. Concentre-se no objetivo para o qual se pretende obter os dados e informe a vítima	10
c. Padronizar para guardar a informação de uma maneira ordenada	11
d. Anonimização para proteger as sobreviventes.	11
e. Usar canais criptografados e/ou apagar as comunicações para evitar uma sobre-exposição	12
f. Proteger a informação	13
g. Guardar a informação em um lugar seguro	13
h. Solicite apoio técnico e jurídico a pessoas da sua rede	14
4. Fazer denúncia de conteúdos em plataformas ou websites	14
<b>Reflexões finais</b>	<b>16</b>
<b>Glossário de termos</b>	<b>17</b>
<b>Recursos</b>	<b>18</b>
	<b>19</b>

## Introdução

Este guia prático nasce para facilitar recursos às organizações da sociedade civil, ativistas, incluindo agências governamentais que estejam atendendo casos de violência de gênero online e necessitam de uma orientação concreta para documentar de forma segura o acompanhamento que se faz às sobreviventes em seu processo de denúncia.

Para desenvolvê-lo na Aceso.Online fizemos uma investigação que compreendeu duas partes. Em primeiro lugar, compilamos princípios, práticas e preocupações no conteúdo, que surgiram após a realização de entrevistas em profundidade com companheiras especialistas em casos de violência de gênero online que trabalham em países como Brasil, Guatemala, México, Chile, Equador, Paraguai, Peru e também a acompanhantes que atuam em nível regional na América Latina. Em um segundo momento, esse primeiro rascunho passou por um período de prova com dois grupos de ativistas que fazem esses acompanhamentos, os quais puseram em prática o guia e nos ajudaram a adaptá-lo às distintas realidades e práticas cotidianas.

Após esse processo metodológico elaboramos a versão final do guia que, embora a escrita tenha partido do grupo Aceso.Online, é um trabalho coletivo que se alimenta da generosidade das pessoas e coletivas que compartilharam seu conhecimento. Além disso, o guia funciona como um testemunho de práticas e saberes incansáveis de ativistas feministas da região que dedicaram parte importante do seu trabalho ao combate da violência de gênero em todos os âmbitos.

Nesse sentido, este documento é um guia para todas as pessoas que buscam orientações para documentar de forma segura casos de violência de gênero online, o que só é possível graças à prática feminista e à generosidade das ativistas em compartilhar seu próprio conhecimento e colocá-lo a serviço de mais pessoas.

## Contexto

A figura da acompanhante surge em contextos comunitários na busca de justiça, memória e reparação. Dado que os casos de violência contra mulheres nas redes sociais e outras plataformas se fazem visíveis e os ataques são diversos, esta prática de acompanhamento passa para o digital, onde uma pessoa pode tornar-se acompanhante, inclusive sem saber, em resposta à busca de apoio às sobreviventes para enfrentar estes casos a partir de uma perspectiva feminista.

Entendemos como acompanhante a pessoa, organização ou coletiva que oferece apoio às pessoas que são vítimas de violência de gênero online, aquelas que denominaremos como sobreviventes<sup>1</sup>.

No caso deste documento, estamos nos concentrando na difusão de material íntimo de natureza sexual sem consentimento, por qualquer meio digital, embora possa ser estendido ou combinado com outros ataques de violência digital de gênero. As acompanhantes consultadas neste documento possuem conhecimentos sobre tecnologias digitais e práticas de cuidado digital, manipulam ferramentas e facilitam processos e recursos que podem ser úteis a todas as pessoas que precisam ou desejam ser acompanhadas para enfrentar esta situação.

Todas as acompanhantes que participaram da construção deste guia se reconhecem como feministas e fazem parte de redes feministas. Essas pessoas estão em contato direto com as sobreviventes e oferecem apoios básicos digitais. Além disso, são parte de outras redes de apoio: legais, psicossociais e técnicos.

---

1 Este termo nos parece mais poderoso e resiliente, evoca processos pelos quais elas tiveram que passar para conseguirem pedir ajuda nas redes feministas.

## Aspectos práticos para fazer um acompanhamento de difusão de imagens sem consentimento de violência de gênero online.

### 1. Autocuidado

Embora nem sempre haja as condições ideais para realizar acompanhamentos, é provável que por nosso ativismo feminista comecemos a ter contato com casos de violência de gênero online. Nesse contexto, é importante ter claro que o simples contato com a violência pode imobilizar-nos como acompanhantes. Podendo nos isolar, nos prejudicar e nos mostrar situações tóxicas que nos impactam de maneira quase imperceptível ou, em alguns casos, de forma muito tangível, com consequências em nossa saúde física e mental.

As pessoas são uma infraestrutura crítica de contenção e apoio, e independente de sermos parte de uma de uma coletiva ou uma organização, o maior impacto se sustenta sobre as pessoas que recebem os casos.

Em termos práticos, é relevante se assegurar de como a pessoa que te busca chegou até sua coletiva, organização ou a você. Sendo assim, é importante fazer perguntas como: Quem te passou meu contato? Quem é você? Faça algumas perguntas de maneira amável para saber se pode confiar na pessoa e ao mesmo tempo ter elementos para garantir sua própria segurança.

Antes de aceitar um caso você deve avaliar e se assegurar que tem energia para escutar e atender a situação antes de atendê-la. Devemos aprender a colocar limites e reconhecer quando podemos acompanhar e quando não. Não tem nada de mau em dizer: “Neste momento não posso te apoiar, mas te ajudo a buscar alguém que, sim, pode fazê-lo”. Cada um estabelece o seu protocolo ou sistema para cuidar dos espaços pessoais. Nesse contexto é importante construir limites na nossa relação com os casos de violência de gênero que acompanhamos, de maneira a criar e proteger espaços seguros da influência desta violência.

É igualmente necessário ativar redes dentro da nossa coletiva ou da organização de que fazemos parte estabelecendo fluxos que nos permitam pedir apoio em situações complexas ou a manejar problemas que não estejam ao nosso alcance. É necessário escutar distintas vozes e trabalhar sobre a nossa empatia, deixar ir e desistir de posições a fim de facilitar o diálogo em torno do tratamento dos casos e das possibilidades reais de apoio que o coletivo pode apresentar ao trabalho de acompanhante. Atuando coletivamente, podemos ter muito respeito pelas diferentes posições e visões e confiar nas decisões que são finalmente tomadas como um grupo.

## 7

### 2. Escuta ativa. Os diálogos como ferramenta de transformação e cura

Quando entrevistar uma sobrevivente, mantenha estes quatro elementos em mente:

### a) Entrevistas empáticas com a vítima

É importante identificar a informação que necessitamos para realizar o acompanhamento sem que o processo de entrevista seja exaustivo para a vítima.

Atualmente parece que há mais consciência sobre as implicações da violência de gênero e como ela afeta as pessoas, no entanto, ainda existem círculos onde a violência continua mesmo em espaços que deveriam acolher as vítimas. Por parte das sobreviventes prevalece a autopunição, a vergonha, o ridículo, o sentir-se nua, a culpa, a crença de que são as únicas que estão vivenciando isso e que serão facilmente localizadas por causa dos seus dados expostos.

É muito difícil documentar quando a pessoa chega muito afetada, mas podemos ativar estratégias de contenção como:

- Dar informação à sobrevivente de quem é você, da sua experiência com esses casos, as redes, organizações ou coletivas que apoia ou faz parte. Dê informação suficiente para que a pessoa se sinta em contato com alguém que está engajada em apoiar casos de violência de gênero online.
- Comece um diálogo que ajude a sobrevivente a centrar-se, respirar e a relaxar um pouco da situação desagradável com pequenos gestos e comentários que ajudem a construir um espaço seguro e confortável através do diálogo.
- Ser empática: ser cuidadosa com as perguntas, com a linguagem, a forma de fazer uma pergunta e o cuidado para não revitimizar. Perguntas como “Como as fotos foram obtidas?” ou, “Você que mandou suas fotos?”, que simplesmente buscam estabelecer fatos, podem fazer com que a sobrevivente se sinta julgada ou acusada sem intenção de culpa e desencadeie a autorrecriação, afastando-se da tranquilidade que busca transmitir. Avalie bem antes como fazer as perguntas.
- Lembre-se que as sobreviventes, em geral, já tomaram medidas de resposta a um ataque, portanto, faça perguntas que a ajudem a recuperar a confiança: “O que funcionou para você?”, “O que não funcionou?” ou “O que você acha que pode ser feito no seu caso?”
- Compreender ou perceber as pautas de ativismo da pessoa afetada ou os riscos envolvidos em seu contexto.
- Espalhe a energia e a sensação de fortaleza através do diálogo e da transmissão das ferramentas que podem apoiá-la em sua situação
- Deixar que a pessoa saiba e sinta que nosso posicionamento é político e estamos tentando construir juntas, a partir dos nossos feminismos.

### b) Indicar uma rede de apoio

Uma sobrevivente pode chegar muito vulnerável ou sem condições de criar vínculos afetivos e emocionais. Além da sua intervenção como acompanhante, você deve garantir que a pessoa estará acompanhada a longo prazo, por isso, é fundamental sugerir que ela crie e fortaleça sua rede de apoio, que vai desde o apoio psicoemocional até sua segurança física.

### c) Combinar os alcances da sua intervenção

- *Estabelecer acordos quanto aos momentos e formas de contato com a vítima:*

Para respeitar seus espaços seguros como acompanhante, você deve moderar e definir os limites de contato com a vítima, bem como pedir-lhe para não compartilhar seus dados de contato com mais pessoas sem te perguntar antes. Seja transparente se estiver sobrecarregada e também respeitosa com seu tempo de descanso e autocuidado como acompanhante.

Isto também é fundamental para respeitar os espaços e tempos da vítima. É uma troca delicada porque, uma vez estabelecido o contato, você pode ficar com receio de que a vítima não voltará a te procurar, mas você não quer interrompê-la porque não quer assediá-la, dado que muitas vezes enfrentamos violência de parceiros, vigilância e perseguição. Neste sentido, é necessário estar de acordo em ser contatada de novo para dar seguimento ou se será outra pessoa a contatá-la. Isto permite que você desista do caso e chegue a um acordo sobre um mecanismo para que a vítima possa retornar a você, caso sinta que é necessário.





- *Limite as expectativas da sua intervenção:*

Seja muito explícita a respeito das expectativas ou sobre o tipo de ajuda que você pode fornecer. Não crie falsas expectativas. O acompanhamento de um caso e suas possíveis soluções vão depender de muitas variáveis, desde o sistema jurídico local (pode haver leis, mas sabemos que isto não implica que funcionem na prática) ao sistema cultural, às possibilidades técnicas que se tem como acompanhante ou da sua rede de apoio.

Cada caso tem suas características próprias e é importante avaliar o que é possível fazer em cada um e dizer explicitamente à vítima o que se pode fazer e quais são os limites do acompanhamento. Por exemplo, se for necessário a retirada fotos de plataformas ou websites, deixar claro que isso não acontece de maneira rápida, esses processos podem demorar e dependem dos protocolos que têm os websites e plataformas ativados.

No caso de necessitarem te passar material íntimo, estabeleça horários e canais específicos para isso. Explique que não é necessário que te enviem, e que só poderá ser necessário em função do relatório de conteúdo ou de uma ação judicial.

### **3. Construir uma documentação segura e anônima**

A palavra documentar é usada aqui para a ação de gerar um registro narrativo em torno de um processo de acompanhamento. A documentação é uma ferramenta para a acompanhante que permite:

- Analisar uma situação e suas variáveis, encontrar padrões e dimensionar a gravidade dos feitos.
- Construir um registro histórico em torno de um caso e relacioná-lo com outras evidências.
- É provável que em um período de tempo você tenha vários casos, isso permite que você baixe-os de sua “memória ram” e vá a esses registros quando necessário.
- Apoiar-se em diferentes caminhos e estratégias de pesquisa e remoção de imagens íntimas sem consentimento de distintos websites, serviços ou plataformas de redes sociais.
- Construir insumos para investigações, análises de tendências ou tornar visível metodologicamente o fenômeno da violência de gênero online e suas implicações.
- Este relatório narrativo também ajuda a visualizar o caso de uma forma que é exterior ao seu corpo. Este é um caso externo a você, onde você está servindo de interface para ajudar a outra pessoa a ter clareza sobre a sua situação.

A construção de uma documentação segura e anônima é uma das responsabilidades mais importantes de uma acompanhante. Não existe uma estrutura única que sirva para todas as acompanhantes ou em todos os casos e necessidades, mas recomendamos uma série de elementos que devem ser levados em conta.

#### **a) Cuidado com equipamentos eletrônicos e acesso à informação**

9

Um passo fundamental para garantir que o acesso às informações seja restrito é ter cuidado com os equipamentos eletrônicos com os quais nos comunicamos com as sobreviventes. Vemos nessas práticas de cuidado com a informação uma demonstração de carinho e respeito pelas pessoas que você acompanha.

Quando for possível economicamente e logisticamente, recomendamos que sejam usados equipamentos e canais de comunicação exclusivos para se fazer o acompanhamento. Ou seja: computador, número de telefone (cartão SIM), smartphone e contas em aplicativos de mensagens, redes sociais e email, só para trabalhar nos casos e contatar a sobrevivente.

Outra possibilidade é a instalação de máquinas virtuais<sup>2</sup> em seu próprio computador, o que permitirá ter um ambiente virtual separado do seu uso pessoal no mesmo computador. Outra opção é usar um programa chamado Tails<sup>3</sup> que é um sistema operacional preparado para promover uma experiência anônima, que praticamente não deixará rastros visíveis. Usando um *Live CD* ou um dispositivo USB, pode ser executado em qualquer computador e utilizado como qualquer outro sistema operacional, sem a necessidade de instalação.

Se nenhuma dessas estratégias for uma opção viável para você, ainda pode utilizar os dispositivos que já possui e usá-los de maneira mais segura: é essencial criptografar os discos e adicionar senhas.

Além disso, crie contas exclusivas para seu trabalho como acompanhante, como conta de email, de preferência com um pseudônimo, e contas especiais em redes sociais. Nunca repetir senhas e adicionar a verificação em 2 passos para controlar o acesso à informação.

#### **b) Concentre-se no objetivo para o qual se pretende obter os dados e informe a vítima**

Lembre-se que a sobrevivente te percebe como um espaço seguro, você é a intermediária entre o ambiente digital e a vítima ou as amigas que a apoiam. Por isso você deve ser responsável e, antes de iniciar um processo de documentação, deve se perguntar:

- Tenho o consentimento da vítima para documentar? É importante deixar claro se você vai usar essa informação para uma investigação, estatística ou análise de tendências.
- É importante em todos os casos saber se a pessoa está de acordo que se documente e registre o caso. Se te pedem para não documentar você deve respeitar essa decisão. Isso poderá ser resolvido em uma conversa entre você e a sobrevivente. Após a conversa, inclua na documentação o termo de consentimento estabelecido entre as duas partes, inclusive se foi decidido uma data para apagar os dados e mais informações sobre o acordo.
- Que tipo de informação você precisa armazenar e com qual finalidade? (para investigar, para iniciar um processo judicial, para coletar estatísticas). Defina bem o objetivo da coleta de dados e assim saberá quais informações você necessita coletar. Porém, lembre-se que o primeiro princípio de segurança da informação é coletar o mínimo de dados possível, sobretudo quando são de caráter pessoal ou sensível.
- Quais dados devem ser anonimizados e quais dados devem ser apagados? Dependendo do caso é importante não usar o nome real da sobrevivente no processo de documentação. É importante avaliar quanto tempo é necessário ter os dados armazenados e informar claramente à sobrevivente, primeiro, de uma data pré-definida para apagar os dados e depois contatá-la para informar que os dados foram apagados.

#### **c) Padronizar para guardar a informação de uma maneira ordenada**

Consoante com os objetivos de sua documentação, os parâmetros devem ser construídos de

2 <https://www.virtualbox.org/>

3 <https://tails.boum.org/about/index.es.html>

acordo com as necessidades. Eles podem ser fichas ou perguntas-chave.

Existem pessoas que carregam planilhas de cálculo que mantêm criptografadas para descrever e rastrear os casos. Outras, pelo volume, diversidade e complexidade dos casos, tiveram que desenvolver bancos de dados. Estes mesmos bancos de dados foram alojados em servidores exclusivos e criptografados, em alguns casos sem qualquer conexão com a internet.

Como um guia básico, os seguintes campos podem ser definidos:

**a. Descrição do caso;**

**b. Data de início e frequência dos ataques violentos.** Aqui o 'registro de ataques' é muito importante pois te permite tornar visíveis as agressões;

**c. Meio pelo qual se realizam os ataques**

Exemplo: O agressor criou uma conta especial e está difundindo imagens íntimas com lista de amigos do Facebook da sobrevivente. A vítima recebeu mensagens por Whatsapp, Twitter e email de diferentes contas e números de telefone. Pelo tom das mensagens, você suspeita que suas informações pessoais possam ser postadas em uma página que oferece serviços sexuais;

**d. Descrição de quem é o agressor ou a agressora:**

*No caso de conhecer o agressor:*

Vínculo da vítima com o agressor ou os agressores;

Se houve violência física anterior. Em caso afirmativo, se houve denúncia em organismos oficiais;

Se soubermos a identidade do agressor, ficamos desconfiadas ou confusas. Avalie se é útil saber informações específicas sobre eles, nomes, sobrenomes, seu local de residência, se têm perfil em redes sociais, antecedentes de violência de gênero ou denúncia, se têm denúncia de violência digital ou outra informação relevante.

*No caso de não conhecer a identidade do(s) agressor(es)*

Compile as informações que você tem, capturas de tela e link dos perfis

Pense: Como eles poderiam ter o acesso às imagens íntimas? O que disse cada pessoa envolvida? Quais informações foram publicadas e quais circularam por canais privados?

Se foi uma agressão perpetrada em grupo, que informações temos a respeito? Lembremos que às vezes agressões grupais são orquestradas por pessoas específicas.

**e. Ações já realizadas pela vítima:** denúncia em plataformas; andamento do processo (caso haja alguma ação anterior) e respostas por parte das autoridades e das plataformas;

**f. Registros visuais da agressão** (capturas de tela), links, links dos perfis e todas as evidências que possam ser localizadas ao fazer a denúncia.

**g. Registrar as ações que foram feitas** para denunciar nas plataformas ou com organizações aliadas que tenham contato mais direto com as plataformas, suas datas e suas respostas.

#### **d) Anonimização para proteger as sobreviventes.**

Quando se trata de prestar ajuda em um caso de difusão de imagens íntimas sem consentimento, a quantidade de informação íntima que se recebe é enorme. Se possível, recomendamos não ter no mesmo lugar informações que possam identificar ou se relacionar diretamente com as sobreviventes.

Por exemplo, usar a estratégia de compartimentar: separar os dados de contato do arquivo onde você tem a descrição do caso. Assim, os dados de contato podem ser colocados em um documento à parte e relacionados através de um número ou pseudônimo. O mesmo pode ocorrer com as provas e os arquivos que necessite conservar para levantar os casos.

Lembremos que a anonimização completa não é possível, dadas as características particulares de cada caso, mas pelo menos podemos tentar não tornar o acesso à informação tão direto.







Embora seja mais seguro conversar por canais criptografados, sabemos que existem circunstâncias nas quais isso não será possível, quando, por exemplo, entre outros fatores, a vítima não tiver espaço no celular para um novo aplicativo, ou ainda porque o uso desses canais pode significar uma mudança de hábito.

Se assim for, recomendamos que seja considerada a forma de comunicação que ofereça o menor risco à sobrevivente e à acompanhante. Quando não for mais necessário dar apoio como acompanhante, apague as conversas ou áudios que as sobreviventes te enviaram através dos meios que tiveram contato. Se a sobrevivente corre o risco de seu agressor descobrir que ela está recebendo apoio, certifique-se de que apagou as mensagens e busque estratégias ou canais que não coloquem o acompanhamento em risco.

Para levar em consideração como cada aplicativo de mensagens funciona e em que nível ele protege você, consulte o guia da Acoso.online:

#### f) Proteger a informação

É importante proteger a informação que temos do caso e evitar que fique vulnerável e acessível a qualquer pessoa. Recomendamos duas formas para fazê-lo:

						
<b>Mensagem</b>	<b>Whatsapp</b>	<b>Telegram</b>	<b>Messenger do Facebook</b>	<b>Signal</b>	<b>Wire</b>	<b>Instagram</b>
Oferece autodestruição de mensagens	não	somente em conversas secretas	somente em conversas secretas, mas dados já foram vazados.	sim	sim	sim, mas lembre-se que é do Facebook
Pode ativar a verificação em duas etapas	apenas no aplicativo	sim	sim, mas dados já foram vazados.	sim	sim	sim, mas lembre-se que é do Facebook
Possui criptografia de ponta a ponta	apenas no aplicativo	somente em conversas secretas	não	sim	sim	não
É de código aberto	não	não está claro	não	sim	sim	não
Está armazenando em algum lugar (dispositivo e/ou nuvem) automaticamente	sim, mas pode ser desabilitado	sim, mas pode ser desabilitado	sim	não	não	sim
Exige seu número de telefone ou e-mail	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Tem ferramentas para denunciar pornografia não concedida	sim	não	sim	não	não	sim
Pode bloquear a captura de tela	Alguns aplicativos têm a opção de bloquear a captura no chat secreto. De qualquer maneira, uma vez enviado algum material é impossível evitar que façam uma fotografia ou captura de tela.					

- **Mantenha-a fora da internet:** se tiver contato direto e pessoal com a sobrevivente você pode fazer a documentação em papel e não guardar essa informação online. No entanto, deve guardá-la em um lugar físico seguro onde somente você ou outras pessoas envolvidas podem acessar a informação. Sabemos que em alguns casos isso não será possível.
- **Online ou em seu computador:** depois de ter toda informação em um documento, recomendamos que o arquivo/pasta seja criptografado, quer você vá salvá-la no seu computador ou decida subir o arquivo em um serviço de “nuvem” online. A criptografia é uma forma forte de segurança, onde também será necessário adicionar uma senha para abrir o arquivo ou a pasta. Existem alguns programas que fazem esse trabalho, como o Cryptomator e Veracrypt.

Quando você trabalha em grupos ou organizações e várias pessoas gerenciam as mesmas contas ou precisam acessar determinados arquivos, surgem casos em que será necessário compartilhar arquivos e senhas com outras pessoas. Uma dica de segurança é sempre usar senhas fortes e não as repetir para mais de um arquivo ou pasta.

Para te ajudar nessa tarefa, você pode usar um gerenciador de senhas. Pode utilizá-lo apenas para guardar suas senhas ou para compartilhar senhas com outras pessoas que necessitam ter acesso à documentação. Recomendamos algumas ferramentas para isso:

- <https://www.keepassx.org/>
- <https://bitwarden.com/>
- <https://1password.com/es/>

Não esqueça de ter senhas de bloqueio de tela em seus dispositivos pessoais e em seus HDs ou cartões de memórias também criptografados. Assim, por exemplo, se alguém tiver acesso a seu dispositivo não vai ser tão fácil acessar as informações contidas nele.

### **g) Guardar a informação em um lugar seguro**

A segurança de uma tecnologia não é proporcionada apenas por suas possibilidades técnicas, mas também pelas práticas que a rodeiam ou pelo controle de acesso. Por isso, é importante onde e como guardamos a informação e como protegemos o acesso à mesma.

- **Links públicos:**

É uma péssima ideia guardar informações relativas à documentação do caso em um link público, como a possibilidade oferecida por serviços como Google Docs (com link público), Ethercalc e Etherpad ou ferramentas de pad. Embora essas informações sejam guardadas criptografadas em um servidor externo, o fato de você precisar apenas de um link para acessá-las apresenta uma grande vulnerabilidade para a informação que precisamos que tenha barreiras de proteção.

- **Armazenamento na nuvem:**

A informação que está guardada na ‘nuvem’ também apresenta vulnerabilidade, mas, ao mesmo tempo, é um backup em caso de perda de equipamento ou danos no disco rígido. Se você vai subir fotos ou vídeos para um serviço de armazenamento online, adicione uma camada de proteção, criptografando a pasta e anonimizando a informação. Cuide bem da criptografia e das senhas de acesso, se possível, adicione a verificação em duas etapas.

- **Cuidado com os backups automáticos:**

Se você compartilha imagens e arquivos íntimos, procure desativar os backups automáticos na ‘nuvem’ oferecidas por plataformas como Whatsapp o Icloud. Isto lhe ajudará a ter mais controle

sobre a manipulação e apagamento desses arquivos.

- *Se for um caso que envolve menor de idade:*

É um tema muito complicado. Tenha muito cuidado com o manuseio deste tipo de foto e vídeo, evite recebê-los ou ter a posse desses materiais pois você pode se ver envolvida em uma investigação ou adquirir alguma responsabilidade junto às autoridades.

Portanto, recomendamos:

- Consultar uma advogada para conhecer o contexto nacional e as implicações e cuidados específicos do caso em seu território.
- Descobrir se a/o menor de idade tem algum adulto de confiança em sua vida e veja se os três podem conversar.
- As plataformas têm formulários específicos para denunciar imagens de menores. Nestes casos, as plataformas têm geralmente respostas mais rápidas.
- Tendo em vista a necessidade de se denunciar à polícia, procure recomendações sobre como lidar com este tipo de caso nestas situações e o consentimento da vítima, mesmo que se trate de menor de idade.

#### **h) Solicite apoio técnico e jurídico a pessoas da sua rede**

Quando houver a necessidade de compartilhar informação do caso com outras pessoas, por exemplo, advogada ou outros integrantes da coletiva/organização:

- Informar e ter o consentimento da sobrevivente.
- Compartilhar apenas as informações necessárias para a consulta com a pessoa da equipe e não as provas completas do caso.
- Use canais seguros de conversa, como e-mail criptografado e serviços de mensagens que incorporem a criptografia de ponta a ponta e estabeleça acordos de apagar a informação.

## **4. Fazer denúncia de conteúdos em plataformas ou websites**

Lidar com formulários de denúncia de conteúdos não é uma tarefa fácil, ainda mais se você está em uma situação de muita pressão. Muitas vezes as plataformas estão em outro idioma ou requerem uma redação mais técnica que as pessoas que operam as plataformas entendem.

Em particular, algumas redes sociais mais populares viram a urgência na questão de difusão de imagens íntimas sem consentimento e estão desenvolvendo ferramentas para proteger as sobreviventes.

Algumas recomendações importantes para isto:

- *Existem muitas plataformas populares que já têm instruções para as denúncias. No caso da web de Aceso.Online, há informações passo a passo para denunciar casos de difusão não consensual de imagens íntimas nas principais plataformas.*
- *Quando se é confrontado com as ferramentas das plataformas, às vezes não é tão necessário dar o detalhe do caso, mas sim a informação que elas podem compreender e processar. Em outras palavras, é mais relevante que você especifique onde se pode ver a agressão (por exemplo, o*

*link do material) e evidenciar o porquê da denúncia: sou a autora das imagens e violaram meu copyright, é um material íntimo-sexual e não dei o meu consentimento para difusão, etc..*

- *Uma vez que os materiais saem do seu controle, é possível que você precise monitorar sites e redes sociais. Para isso você pode fazer buscas manuais em plataformas populares como Google (busca), Twitter, Instagram e Facebook pelo nome da sobrevivente ou termos relacionados a ela (por exemplo, professora, cidade, lésbica, etc.) e o conteúdo que foi postado. Adicionando características do vídeo e da sobrevivente também pode ser necessário pesquisar em websites pornográficos como Pornhub, Youporn, ;Poringa!, etc. Outra possibilidade é fazer uma busca por imagem utilizando plataformas como Yandex<sup>4</sup> e Tineye.<sup>5</sup> Com isso, você poderá identificar onde mais foram publicadas informações sobre a sobrevivente e fazer uma denúncia nas plataformas.*

---

4 <https://yandex.com/>

5 <https://tineye.com/>

## Reflexões finais

Após vários meses de pesquisas e conversas com diversas ativistas para conhecer suas práticas, nos parece importante destacar que **todo protocolo ou modelo de acompanhamento precisa ser ajustado às necessidades das acompanhantes e seus contextos**. Admiramos a capacidade de escutar, avaliar cada caso e delinear riscos, potenciais reações e conquistas em cada etapa do acompanhamento. Também destacamos que, antes de colocar em prática qualquer estratégia, é importante ter o consentimento da vítima. O consentimento deve ser verificado a cada novo passo.

No caso de ataques de difusão de imagens íntimas, os agressores buscam causar o maior dano possível com a informação que têm disponível. Para extorquir, oprimir, isolar e silenciar as sobreviventes, utilizam a exposição dos seus corpos em situações sexuais, distribuindo materiais que não deveriam sair da esfera íntima e privada sem o consentimento das mesmas. Só podemos enfrentar esta dimensão do “poder opressor” dos agressores através do acompanhamento, solidariedade e sororidade entre nós, fortalecendo-nos para seguir desfrutando dos nossos corpos.

Entendemos este trabalho e a capacidade das coletivas e organizações de gerir recursos para melhorar sua segurança digital como uma demonstração de carinho e compromisso com as pessoas que pedem ajuda, e contra toda estrutura patriarcal que também opera nos espaços digitais. Uma acompanhante pode orientar quanto aos cuidados básicos de segurança, mas habitar espaços digitais requer mudanças e esforços constantes. Nestes meses de pesquisa, vimos que as sobreviventes, as acompanhantes e coletivas ou organizações estão gerindo recursos para combater a violência de gênero na Internet. Desenvolver projetos para conseguir financiamento para melhorar a infraestrutura digital autônoma, construir redes de apoio com especialistas em questões técnicas, tornando-se elas próprias acompanhantes, são apenas algumas das respostas que podemos testemunhar e que dão conta do poder transformador das redes e dos saberes feministas que esperamos que, até esta data, se revelem úteis e necessárias reflexões para nos cuidarmos e cuidar também de nossas companheiras.



## Glossário de termos

*Criptografia*: Se refere ao processo matemático de tornar uma mensagem ilegível, exceto para a pessoa que possui a senha<sup>6</sup> para descriptografá-la de forma legível.<sup>7</sup>

*Informação sensível*: são dados pessoais que permitem identificar, diretamente ou indiretamente, uma pessoa em particular. Quando estamos falando de acompanhar casos, a narrativa de um caso também pode trazer dados sensíveis que podem causar ainda mais danos à sobrevivente se alguém não autorizado tiver acesso às informações dela ou do caso.

*Servidor*: é um computador e seus programas que estão a serviço de outros computadores. Pode-se configurar um servidor para controlar o acesso a uma rede, enviar/receber e-mails, gerenciar os trabalhos de impressão ou hospedar um website, armazenar arquivos, etc.

*Máquinas virtuais*: VirtualBox é um aplicativo para fazer máquinas virtuais com instalações de sistemas operacionais. Isto significa que, se você tem um computador com Windows, GNU/Linux ou macOS inclusive, você pode criar uma máquina virtual com qualquer outro sistema operacional para usá-lo dentro do que você está usando.

*Tails*: sistema operacional preparado para promover uma experiência anônima, que praticamente não deixará vestígios visíveis. Utilizando um Live CD ou um dispositivo USB, pode ser executado em qualquer computador e utilizado como qualquer outro sistema operacional, sem a necessidade de efetuar a instalação.

*Verificação em duas etapas*: procura verificar se é você quem está acessando a conta. Dependendo da necessidade e dos riscos, podem ser utilizados diferentes métodos, por meio de mensagens no celular, um aplicativo ou uma chave física externa.

6 <https://ssd.eff.org/es/glossary/llave>

7 <https://ssd.eff.org/es/module/%C2%BFqu%C3%A9-es-el-cifrado>

## Recursos

Os recursos e ferramentas indicados abaixo respondem a uma seleção feita em setembro de 2020:

- [Seguridad Digital: conocimientos y herramientas básicas / Segurança Digital: conhecimentos e ferramentas básicas](#)
- [Guía Veracrypt / Guia Veracrypt](#)
- [Guía Cryptomator / Guia Cryptomator](#)
- [Guía básica de protección de celulares / Guia básico de proteção de celulares](#)
- [Guía sobre qué es un gestor de contraseñas / Guia sobre o que é um gerenciador de senhas](#)
- [Guía de KeePassXC / Guia de KeePassXC](#)
- [Guía de como usar Tails / Guia de como usar Tails](#)
- [Violencia contra las mujeres y tecnología: Estrategias de respuesta / Violência contra as mulheres e tecnologia: Estratégias e respostas](#)
- [Microseguridad digital para periodistas y comunicadoras sociales / Microsegurança digital para jornalistas e comunicadoras sociais](#)
- [Cuadro para guardar evidencia \(en inglés\) / caixa de provas \(em inglês\)](#)



## Está acompanhando casos de difusão de imagens íntimas sem consentimento?

Leve em conta essas recomendações:

### Crie uma documentação segura

- Recolha apenas dados que sejam necessários para ajudar a sobrevivente a tomar uma decisão a respeito de “o que quer fazer?”;
- Separe os dados que permitem identificar a sobrevivente da descrição do caso
- Padronizar a informação de uma forma que lhe seja útil
- Guarde a informação em um lugar seguro e, se um terceiro quiser acessar a informação, não lhe facilite. Cuide do acesso à informação e dos dispositivos que a contêm.
- Para pedir apoio técnico e jurídico para pessoas da sua rede, compartilhe apenas o necessário.



### Conversar ajuda a curar e a transformar

- Na sua entrevista com a sobrevivente pratique a escuta ativa, construa perguntas que reafirmem seu apoio diante à situação
- Proteja seus canais de comunicação, use canais criptografados de ponta a ponta e/ou apague o que conversaram do caso
- Criar acordos sobre como e quando fazer contato
- Muitas vezes as sobreviventes chegam muito alteradas e com uma grande desconfiança. Ajude-a a encontrar pessoas no seu entorno para reafirmar sua rede de apoio pessoal
- A oriente a respeito dos limites técnicos do seu caso e evite gerar expectativas que não se pode cumprir



### Retirar conteúdo de plataformas e websites

É necessário realizar pedidos diretos em diferentes plataformas e websites. Para isso busque formulários e compartilhe a informação de forma clara e específica com as plataformas. Também existem organizações que dão apoio nesse sentido. É



possível que você tenha que monitorar os conteúdos difundidos em diferentes sites. Revise nossas recomendações técnicas.

### Autocuidado

A violência de gênero se transmite e pode causar danos em sua saúde. Respeite seus espaços e peça apoio. Lembre-se: você não está sozinha.



*acosø.online*